

Conto tradicional: [A raposa e o lobo]

→ **Classificação:**

- Conto de animais.
- Classificado segundo o sistema internacional de Aarne-Thompson: ATU 15 *A Raposa Finge ir a um Baptizado*.
- Classificação: Paulo Correia (CEAO/ Universidade do Algarve) em Julho de 2007.

→ **Assunto:**

- Uma raposa consegue comer a manteiga do seu compadre lobo e escapa às culpas do seu acto enganando-o uma segunda vez.

→ **Palavras-chave:**

- afilhado, animal, Alentejo, Brotas, compadre, Évora, enganar, lobo, manteiga, mato, mijo, mora, nome, panela, rabo, raposa, sapatos, soalheira, suar, velhaco

→ **Região:**

- **Distrito:** Évora
- **Concelho:** Mora
- **Localidade:** Brotas

→ **Contador:**

- **Nome:** José Manuel
- **Data de nascimento:** 1920
- **Residência:** Brotas

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** José Barbieri
- **Data de Recolha:** Junho 2007
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:5:05 minutos

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Outubro 2007
- **Palavras:** 1187

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Fevereiro 2010
- **Palavras:** 710

[A raposa e o lobo]

«A raposa foi sempre um bicho muita velhaco⁽¹⁾. A raposa é um, é um dos bichos mais velhacos que há – é a raposa. E atão⁽²⁾ tentou enganar o lobo. E o lobo foi, escondeu uma panela de manteiga lá no meio do mato, bem escondidinha, pa' raposa na' dar com ela. Mas a raposa, muita esperta, (e) foi [e] descobriu onde estava a panela. Descobriu onde estava a panela e atão, um dia, chega ao pé do lobo e diz assim:

– *Ó compadre lobo! Tu emprestas-me os teus sapatinhos para ir ter um afilhado?*

E o lobo diz assim:

– *Empresto!*

Emprestou-lhe os sapatinhos e a raposa foi lá à panela da manteiga. Destapou aquilo tudo e – *toca, toca, toca* – comeu. Encheu a barriga! Veio de lá e diz-lhe:

– *Olha compadre lobo, cá tens os teus sapatinhos e obrigado!*

Diz-lhe o lobo assim:

– *Ó comadre raposa, atão, e como é que se chama o teu afilhado?*

[Raposa:] – *Ora compadre lobo é um nome muito esquisito! Na' se pode dizer, é muito esquisito!*

[Lobo:] – *Ah! Na' me digas que na' se pode dizer o nome que prantaste⁽³⁾ ao teu afilhado!*

[Raposa:] – *Não! Olha⁽⁴⁾ se eu te digo: “Comecete”.*

Bom, o lobo: – *Ai, que nome tão bonito! “Comecete”?! Um nome muita bonito!*

Bom, ao fim de uma temporada, outra vez, diz-lhe a raposa outra vez:

– *Ó compadre lobo, emprestas-me os teus sapatinhos, que vieram-me fazer um convite pra ir ter um afilhado outra vez?*

[Lobo:] – *Empresto!*

Bom, ele lá lhe emprestou os sapatinhos. A raposa lá foi ter um afilhado outra vez...
Baptizar e coiso... Vem de lá, diz-lhe o compadre lobo outra vez:

– *Ó comadre raposa, atão como é que se chama o te' afilhado?!*

[Raposa:] – *Ai, tem um nome muito esquisito! Um nome tão feio!*

[Lobo:] – *Atão, mas na' se pode dizer?!*

[Raposa:] – *Pode!*

[Lobo:] – *Atão como é que se chama?*

[Raposa:] – *“Meiete”.*

Bom, o lobo:

– *Ai que nome tão bonito que tu arranjaste para o teu afilhado!*

Ãh, aquilo passou outra vez! Ao fim de uma temporada, a raposa outra vez:

– *Ó compadre lobo! Tens que me emprestar os sapatinhos! Atão vieram fazer-me outro convite pra ter outro afilhado! Ah, ah compadre lobo, você se calhar na' tem nenhuns sapatos!*

[Lobo:] – *Não, eu empresto-lhe os sapatos!*

Lá foi a raposa. Chegou lá à panela da manteiga, comeu o resto! Bom, comeu o resto.
Veio de lá e diz-lhe:

– *Vá, toma lá os sapatinhos compadre, que eu já... Agora já não me são precisos.*

[Lobo:] – *Atão como é que se chama...? O nome do teu afilhado? Como é que se chama?*

[Qual é] *o nome do teu afilhado?*

[Raposa:] – *Ai, compadre! Tem um nome tão feio!*

[Lobo:] – *Atão, mas como é que se chama?*

[Raposa:] – *“Acabete”!*

Bom, o lobo:

– *Ai, que nome tão bonito que tu arranjaste para o afilhado!*

Bom, lá ao fim de uma temporada e diz-lhe o lobo assim pa' raposa:

– *Ó comadre raposa! Hoje vamos ter um jantar!*

[Raposa:] – *Ah, sim?!*

[Lobo:] – *Vamos!*

Abalaram os dois todos selettras⁽⁵⁾, chegaram lá onde a panela estava escondida. O lobo tinha abalado, vai dar volta àquilo... Já lá na' tinha nada! E diz-lhe o lobo assim:

– *Ah! Comadre raposa! Tu é que me vieste comer a manteiga!*

[Raposa:] – *Na'! Na' fui! Na' fui, não! Óh compadre lobo, na' fui não!*

[Lobo:] – *Foste, foste! Porque olha os afilhados: um era “Comecete”, outro era “Meiete” e outro era “Acabete”! E foste tu que comeste a manteiga!*

[Raposa:] – *Na' fui! Na' fui! Olha, vamos fazer um contrato: ‘tá muito calor, vamos além p' aquela soalheira⁽⁶⁾ e deitamos além à soalheira. Esse que lhe suar o rabo é que comeu a manteiga!*

[Lobo:] – *Bom, 'tá bem!*

O lobo anuiu, aquilo muito bem! Chegou lá, deitou-se ali uma soalheira e a raposa também ali ao lado dele. Daqui a nada o lobo deixou-se dormir. Assim que se deixou dormir, a raposa foi, alçou a perna – *trás!* – mijou pò rabo do lobo! Assim, mijou pò rabo do lobo e diz-lhe assim:

– *Ó compadre lobo! Ó compadre lobo, tu é que comeste a manteiga!*

[Lobo:] – *Não!*

[Raposa:] – *Foi! Vê lá se na' 'tás todo suado!*

Ora o lobo foi ver, 'tava todo molhado! (Ela tinha-lhe mijado prò rabo!). 'Tava todo molhado, diz assim:

– *É verdade! Atão... mas... Tu é que... Atão! Mas atão... Eu na' comi a manteiga e 'tou todo suado!*

[Raposa:] – *Na' sei! Olha, foste tu é que a comeste!*

Pronto, esta 'tá acabada!»

José Manuel, 87 anos, Brotas (conc. Mora), Junho 2007

Glossário:

- (1) **Velhaco:** matreiro, traiçoeiro, que tem malícia sem a mostrar.
- (2) **Atão:** regionalismo de Portugal, de uso informal e coloquial que significa "então".
- (3) **Prantaste:** colocaste, puseste.
- (4) **Olha:** Escuta! Ouve! Presta atenção.
- (5) **Seletras:** = seletas (feminino de seletos) – distintos.
- (6) **Soalheira:** exposição ao sol; grande ardor de sol.

Para execução deste glossário consultaram-se os websites: <http://www.priberam.pt>; <http://www.ciberduvidas.com>; <http://www.infopedia.pt> e o Dicionário de Expressões Populares Portuguesas de Simões, de Guilherme Augusto. (2000). 2ª. edição, Dicionários D. Quixote; 34. Lisboa: Publicações D. Quixote, p.478.